

## Resenha

**Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**  
(CAUNE, Jean. Tradução de Laan Mendes de Barros. São Paulo: Editora Unesp, 2014.)

Edyelton MARINHO<sup>1</sup>

A cultura é algo intrínseco ao comportamento humano. E desde que os especialistas notaram a sua influência relacionada ao cotidiano do homem, são elaborados estudos para a sua compreensão e detalhamento dos seus conceitos, influências e representações.

Na obra original *Culture et communication - convergences théoriques et lieux de médiation [2.ed.]*, de Jean Caune e traduzido por Laan Mendes de Barros, publicado pela Editora Unesp em 2014, o autor explana a relevância de uma abordagem transdisciplinar, de acordo com as ciências da informação e da comunicação (SIC), trazendo consigo toda uma análise e embasamento histórico de conceitos e autores que estudaram a cultura relacionada a comunicação, principalmente na era pós-industrial.

São várias disciplinas que se complementam durante todo o livro, as mais perceptíveis são a antropologia, filosofia, estética e a comunicação propriamente dita (que tem uma razão no tempo), todas pertencentes às ciências humanas, cabendo ao autor Caune, fundamentar sua obra com diversos autores que rodeiam a convergência da comunicação através da cultura.

O autor divide sua obra em sete capítulos<sup>2</sup>, que se complementam, deixando explícito a segmentação delas por dois temas principais: o primeiro, destacando os elementos comuns entre cultura e comunicação, por um ponto de vista epistemológico e o segundo, com o fenômeno de cultura científica e técnica.

O primeiro capítulo, denominado “Referências e cruzamentos teóricos”, o autor diverge de alguns conceitos e referências apresentadas, expõe as problemáticas entre cultura e comunicação, e também como elas não se separam e se acrescentam, a quem

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). e-mail: edyeltonmarinhosouza@gmail.com

<sup>2</sup> Uma observação pertinente a respeito dos capítulos, é que a edição original francesa, contém um capítulo a mais, mas decidiu-se retirá-lo da edição brasileira (o capítulo seis) por motivos dos discursos serem extremamente locais e restritos a realidade francesa.

se refere de inclusão recíproca. Ainda explana os discursos sobre cultura e comunicação e os metaforiza, ao citar que podem ser descritos como comportamentos nos territórios urbanos e como é difícil identificar os núcleos de conhecimentos específicos que as distinguem.

Caune considera a cultura como uma totalidade e a comunicação uma continuidade (*continuum*), e as compara com formas simbólicas. A hibridação da cultura com as tecnologias da comunicação, findou na materialização dos seus usos, essa dimensão instrumental que não é suficiente para dar a nossa sociedade um caráter comunicacional. Esse impacto foi forte, próximo ao fim do século XX, no qual as práticas culturais foram transformadas.

Ainda no capítulo, o autor faz um breve levantamento às SIC, citando exemplos para melhor compreendê-las. Destaca a contribuição das SIC para a inovação e a experimentação de novas tecnologias de acordo com a oferta e demanda. Ele também relaciona as ciências da informação e comunicação com a indústria cultural, que é a fonte principal de recursos e lucros e ainda a grande contribuição das SIC para o apoio na educação.

Finalizando a primeira parte do livro, Caune pondera os museus, a quem chama de “análise museográfica”, classificando um dos principais âmbitos que distingue cultura e informação, em que essa relação especial entre receptor e mídia é denominada produção de sentido. Também elucida e conclui, que os “Territórios da comunicação se convergem pela influência das mídias e das produções culturais” (p. 19).

No capítulo dois, intitulado “A linguagem como fenômeno cultural”, Caune enfoca como a cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos no qual entre eles, a linguagem está em primeiro lugar. Um exemplo mais citado é a fala humana, objeto primordial para linguística acontecer, dentro desse conjunto ele pondera que a língua é a parte social que cria um conjunto de convenções necessárias, independentemente do indivíduo e a fala é a atividade do sujeito.

O enaltecimento da linguística e da língua propriamente dita é recorrente neste início de capítulo. A língua é analisada como processo de caracterizar o indivíduo na sociedade e como ele se comporta junto a outros membros do grupo local, especificando a ela toda a herança pessoal e a construção da identidade através da relação entre língua, sociedade e cultura, definindo que fenômenos linguísticos são fenômenos culturais.

A ideia de que a cultura é um todo permanece neste capítulo, a sua globalidade origina uma função simbólica que marca uma intervenção em nós, e o real completa de signos de naturezas diversas. O surgimento de uma nova técnica, seja ela uma tipografia, ilustração ou até mesmo produtos audiovisuais, provoca reação em uma cultura, pois não podemos nos limitar à linguagem natural.

Caune cita autores que definem o fundamento do processo de comunicação em influência e persuasão, mas ao mesmo tempo confronta-os, chegando a discordar dos mesmo várias vezes, pois para ele cultura e comunicação possui formas expressivas estáveis. E finaliza que “na verdade, precisamos considerar a comunicação como um fenômeno fundamental que permite a existência do conhecimento e transmissão de uma experiência, que sem ela cairia no esquecimento” (p. 38).

No terceiro capítulo, “Cultura é comunicação”, o autor expõe a cultura como um ato de comunicação e como as ciências humanas definem o campo da cultura, relacionando-as com outras áreas interdisciplinares como a antropologia, sociologia, sociologia psicológica, psicologia social e a estética.

Nas relações da cultura com esses temas acima citados, Caune difere as acepções da cultura, a primeira delas relacionado à natureza, no qual o homem cria para si mesmo um outro ambiente social, em encontro com a definição de cultura proposta pela antropologia. A segunda é relacionada com a técnica, que vai de acordo as relações interpessoais, destacando a definição filosófica grega com a *praxis*<sup>3</sup> e a *techné*<sup>4</sup>. A terceira, é como a cultura intervém na personalidade, através de dois planos: situações de diálogo e de liderança; e a relação do indivíduo com seu meio. A quarta e última citada trata da distinção entre cultura erudita (tida como clássica) e cultura de massa (aquela difundida pelas culturas), dividida em três planos: cultura ensinada para comunicação, início da implantação da cultura de massa e cultura como entretenimento e economia.

O autor ainda trata do valor específico da cultura, com base nos estudos de Simmel e o conceito da personalidade humana e como ela é construída e constituída, através de seu pertencimento a uma comunidade. Finaliza com as relações interpessoais

---

<sup>3</sup> Vínculo entre os seres humanos;

<sup>4</sup> Vínculo entre os seres humanos e as coisas.

e o *self*, no qual explica a sua concepção como um resultado de disposição do indivíduo em episódios de interação.

O título “Compreensão da cultura. Significação da comunicação” do quarto capítulo é autoexplicativo. O autor fornece nesta parte o prosseguimento a compreensão de cultura proposta por todo o livro e as contribuições para as significações acerca da comunicação. Os conceitos sobre “explicar e compreender” na cultura, são dispostos para entendermos a comunicação, no qual nos insere no campo da semiótica e dos seus signos para chegarmos onde começa o sentido. “A cultura não existe senão encarnada nos indivíduos” (p. 68), assim Caune debate sobre o fenômeno da enunciação no ato de linguagem que é possível por causa do intercâmbio e a troca de interlocuções dos sujeitos, definidos como centro do sistema cultural.

Por fim, analisa os processos envoltos da mediação cultural, no qual exprime a relação dos membros de um coletivo com o mundo real, subjetivo e imaginário que é construído através das duas abordagens da mediação. Ainda trata da midiatização como dispositivo social e técnico, além da função da cultura como construtora de mediações.

O capítulo quinto, intitulado “Cultura: uma mediação indivíduo-manifestação-mundo”, traz uma problemática da atualidade. A desestruturação da cultura, das novas formas de comportamento provocadas pela globalização e da forma como vivemos, estamos em processo de unificação e de retirada da autenticidade e características de toda cultura local.

O autor exhibe os modelos de funcionamento da cultura, propostos por Edgar Morin ligados entre si, aplicável a todas as relações de cultura, divididos entre os polos da instituição organizadoras e articuladoras e do sistema metabolizante que garante trocas pelos indivíduos (p. 82).

Para conclusão do tema, Caune cita mais um funcionamento da cultura, distinto do modelo semiótico. Propõe o ternário, aquele em que há uma permutação circular de três termos, onde estão inseridas “a expressão ou enunciação perceptível, o indivíduo sujeito da enunciação e o quadro cultural e social no qual a enunciação ganha um sentido” (p. 89). Esse funcionamento ainda é aprofundado quando o autor explica que quando um dos termos dessa relação é ocultado, se reduz ideologicamente a cultura em expressionista; simples produto; ou coisa independente da vivenciada.

Em “A cultura científica e técnica na era da informação, da comunicação e do conhecimento” correspondente ao capítulo sexto, a ciência é descrita em um breve histórico, no qual o autor traz um apanhado de discursos. Dentre eles, destacamos as pesquisas que constataam a queda na crença, que a ciência apenas traz o bem e as tecnociências (ciências e técnicas de uma cultura contemporânea em construção) com suas correlações socioeconômicas.

Outro ponto a ressaltar, se resume a apresentação da cultura científica e técnica (CST) totalmente atravessada por quesitos sociais e seus modos de funcionamento difusionista, utilitarista e promocional e culturalista. A CST propõe a culturalização da ciência, revoluciona vários campos da cultura ocidental e caminha para a democratização cultural e técnica e tem por missão participar da construção da “democracia tecnológica” (p.106).

No sétimo capítulo, “A arte do ponto de vista da comunicação”, Caune expõe detalhes da arte como forma cultural e de como ela não é cópia da realidade, pois não está emancipada de sua relação com o real. A arte é um fato social, no qual não se reduz as definições da realidade e nem da imaginação, sendo assim as suas significações são exibidas no capítulo.

A arte se torna linguagem após a Segunda Guerra Mundial e seu entendimento como produção de sentido tem significativo crescimento, o que contribui para a especificidade da expressão artística. Cada linguagem da arte possui seu próprio modo de significação, segundo esquema proposto por Jakobson (p. 118), Caune expõe seis funções linguísticas de comunicação com a arte.

Por fim, o autor reflete a relação dos meios de transmissão da arte com o receptor através da estética. “São os expectadores que fazem os quadros” (p.123), entona trecho de Marcel Duchamp, citado como explicação a mediação do objeto de arte e do fenômeno de mediação estética, no qual explica que o destinatário ao se deparar ao objeto, ele se realiza.

Após os temas descritos nos capítulos, Caune argumenta na conclusão geral da obra como relacionou a linguagem com a cultura e comunicação em toda a sua expressividade e de como pode ser considerada fundadora do sentido e da cultura. Seu livro é bastante sucinto, completo, bem detalhado e rico em referências. Em sua

maioria, ilustres pensadores de cultura e comunicação da história, que podem ser conferidos nas referências bibliográficas.

Reservamos também uma menção ao tradutor e escritor Laan Mendes de Barros que conseguiu com maestria trazer termos específicos, teóricos e técnicos da língua francesa para a língua portuguesa, fazendo o leitor compreender com sucesso o que Jean Caune quis nos transmitir. Mas, a edição brasileira deveria conter uma ilustração mais fiel de capa e contracapa, com o proposto pelo tema da obra, signos e símbolos audiovisuais não correspondem a totalidade tratada no livro e sim a “linguagem”. Concluo, que a obra é de extrema relevância para os estudos acadêmicos de caráter comunicacional e cultural, além de interesse mundial para o entendimento de como a sociedade vem se relacionando através dos últimos séculos pelos temas dispostos no livro.